



GILMAN, Charlotte Perkins. **O papel de parede amarelo**. Trad. Diego Henriques. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. p. 110.

TERROR, SAÚDE MENTAL E PATRIARCADO EM O PAPEL DE PAREDE AMARELO, DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN

Cristiane de Mesquita Alves¹
Universidade do Estado do Pará
(cristiane.mesquita@uepa.br)

Joyce Cristina Farias de Amorim²
Universidade da Amazônia
(joyceamorim3@gmail.com)

O papel de parede amarelo de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) é uma narrativa curta em primeira pessoa que relata a história do colapso mental de uma mulher que sofre de uma “depressão nervosa passageira - uma ligeira propensão à histeria.” (GILMAN, 2016, p. 12) segundo o seu marido, que também é o seu médico. Aparentemente, é um texto que narra a saída dessa mulher de sua casa na cidade, para descansar em uma mansão no estilo colonial, alugada por três meses, por seu marido, para que ela fique próxima aos ares da natureza, descanse para se livrar de sua doença dos nervos.

No entanto, aquele lugar que deveria ser, para ela, um ambiente propício a sua recuperação, acaba por se tornar um espaço de terror, aumentando suas sensações de mal-estar, principalmente porque o quarto escolhido por seu marido – muito a contra gosto dela – é um lugar decorado por um papel amarelo, descrito por ela como “um desses padrões irregulares e exagerados que comentem todo tipo de pecado artístico. [...] É esmaecido o bastante para confundir o olho que o segue, intenso o bastante para o tempo todo irritar e incitar seu exame.” (GILMAN, 2016, p. 17). A cor é repulsiva, pálida e desagradável com um tom sulfuroso e enjoativo, que com o passar dos dias, colabora para que ela passe, a priori, a imaginar coisas, como ver durante a noite, uma mulher inclinada para frente, como se quisesse sair do papel de parede amarelo.

¹Professora de Literatura do DLLT da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC- Unama/ Bolsista Prosup/CAPES).

² Professora da Secretaria de Educação do Pará. (SEDUC- PARÁ). Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC- Unama).



É interessante ressaltar que, na descrição desse espaço, a casa enorme – outrora de luxo – foi alugada por um baixo valor, e o quarto de papel de parede amarelo foi uma sala de brinquedos para crianças. Havia um risco enorme por todas as paredes e por todos os móveis, exceto em uma cama, que já estava no quarto, quando o casal se instalou e parecia que estava pregada no chão, porque não se movia, mesmo que a narradora colocasse toda a sua força para retirá-la do lugar. Tudo isso para ela era algo muito estranho.

Nesse cenário é que Charlotte apresenta seu conto *O papel de parede amarelo*. Publicado em 1892, o texto não teve uma boa recepção. Recusado, muitas vezes, por editores que aderiram à “edificação moral” (HEDGES, 2016, p. 71), eles consideraram que o texto de Perkins representaria um ataque aos costumes sociais. Em especial, nas passagens em que a narradora confronta sutilmente as exigências do marido e questiona o fato da mulher ou das mulheres atrás do papel de parede amarelo, estar se arrastando sempre. Mas o livro foi publicado pela *New England Magazine* e foi lido, primeiramente, como uma narrativa de aberração mental, uma história de terror ao estilo de Edgar Allan Poe, pelo fato de algumas cenas de *O papel de parede amarelo* apresentarem mulheres emparedadas, semelhante à mulher assassinada e emparedada pelo marido alcoólatra no conto de Poe: *O gato preto*.

Por outro lado, Hedges (2016) alerta que muitos críticos contemporâneos a Charlotte observaram que a temática do livro *O papel de parede amarelo* apresentava muitos elementos que iam além das fantasias, dos delírios mentais de uma mulher diagnosticada pelo médico/marido como uma simples doença de nervos e de histeria. Por este motivo, o livro de Gilman acabou por se tornar um clássico da literatura feminista ou autobiográfica, se o leitor partir da leitura da vida da autora e da personagem.

Essa perspectiva de *O papel de parede amarelo* ser compreendido como um texto feminista ou autobiográfico – em uma referência à crítica da categorização da mulher como ser inferior e frágil, dependente do homem pelo padrão patriarcal – pode ser visivelmente endereçado ao leitor nessa edição da José Olympio de 2016, sobretudo no que se refere à organização deste livro pela produção editorial do mesmo: uma apresentação e um posfácio assinados por duas pesquisadoras e teóricas feministas.

A apresentação da obra, por exemplo, é de autoria de Márcia Tiburi (1970). Nessa parte do livro, Tiburi destaca a importância de Charlotte na participação concreta dos movimentos feministas na busca por direitos para as mulheres. Pontua que na década de 1970 a obra de Perkins foi redescoberta pelo movimento feminista norte-americano, e que o conto *O papel de parede amarelo* passou a ser uma espécie de bandeira feminista. Situa a heroína do conto dentro de



um sofrimento psíquico, em que é mais fácil considerar a mulher como histérica do que procurar entendê-la e ajudá-la, como faz o marido da personagem.

Ainda, Tiburi (2016, p. 9) acrescenta que a histeria vista como doença feminina “é a ideologia do homem no contexto de uma evidente política sexual. Nesse contexto, a invalidez da mulher é um fator necessário para o bom funcionamento do controle a ser exercido sobre ela.” Sendo assim, dizer que a mulher é histérica é uma forma de expô-la para a sociedade como uma incapaz de pensar e agir por si só.

Outro aspecto que chama atenção do leitor nessa edição da José Olympio é a atribuição da maior parte do livro ser ocupada – na verdade, pelo posfácio (isso levando em consideração o número de páginas do livro: das 110, 39 correspondem ao posfácio). Ele é assinado por Elaine Ryan Hedges (1927-1997). Publicado originalmente em 1973. A pesquisadora faz uma apresentação da obra *O papel de parede amarelo*, intercalando com exemplos de outras publicações de Charlotte Perkins Gilman. Destaca falas de editores que recusaram e criticaram a obra de Perkins, como H. E. Scudder (1838-1902): “Prezada senhora, o Sr. Howells me enviou seu conto. Eu não poderia me perdoar se fizesse outras pessoas tão infelizes quanto fiz a mim mesmo!” (HEDGES, 2016, p. 76), que segundo Hedges foi uma das mais insensíveis e duras.

Hedges faz um percurso bibliográfico sobre Charlotte, como sua infância sem ternura, o casamento fracassado da mãe, abandonada pelo pai com os filhos, os dois casamentos de Charlotte, seu divórcio, o nascimento da filha no primeiro casamento, a aceitação do casamento de sua amiga com o seu primeiro marido, bem como a autorização de Charlotte dada ao ex-marido e a amiga para criarem sua filha. Comenta as crises de angústia e depressão que Charlotte viveu depois do parto. Suas dificuldades financeiras e emotivas pela hostilidade da opinião pública tanto em relação a sua escrita, quanto a sua atuação como mãe e esposa.

E sua frustrada relação com o médico Dr. S. Weir Mitchell, o maior especialista em nervos da Filadélfia, no tempo de Charlotte. Para ela, ele apresentava as mulheres um tratamento paternalista, que ignorava que as mulheres também tinham capacidade de pensar e sentir. E, ao receitá-la “nunca toque uma caneta, lápis ou pincel enquanto viver”, fez com que ela manifestasse toda sua revolta contra aquele homem, também no livro. E não poupou críticas ao trabalho do médico:

John diz que se eu não me recuperar depressa vai me mandar para Weir Mitchell no outono. Mas não tenho nenhuma intenção de fazer isso. Uma amiga que passou pelas mãos dele diz que ele é igual a John e a meu irmão, só que pior. (GILMAN, 2016, p. 29-30).



Apresenta brevemente ao leitor quem foi Charlotte, a mulher, a pesquisadora, a professora, a palestrante, a feminista que mesmo não participando diretamente do movimento sufragista e nem ter sido associada a ele, liderou, apoiou e lutou bravamente pelos direitos da mulher, seja por meio de suas obras ficcionais, seja pelas de não-ficção.

Hedges, além de traçar quadros comparativos entre a vida da escritora às ações de sua protagonista, associa a narrativa de *O papel de parede amarelo* a outras como *The House of Mirth* (1990), de Edith Wharton (1862-1937) e outras heroínas de Kate Chopin (1850-1904). Ao fazer essas análises comparativas, Hedges considerou que todas essas mulheres ficcionais diagnosticadas pela depressão, histeria, crise dos nervos, na verdade, foi uma forma que os homens, médicos ou maridos-médicos acabaram por buscar na possível doença mental de suas esposas, como uma justificativa de mantê-las sob seu controle.

E, como a “força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la.” (BOURDIEU, 2017, p. 18), tanto fez, tanto faz a opinião de uma mulher nessa sociedade. Isso é perceptível na descrição de John – o marido da narradora de *O papel de parede amarelo*, quem ignora as falas da esposa.

Nesse viés, Márcia Tiburi e Elaine Hedges compreenderam a visão crítica ao patriarcado de Charlotte Perkins Gilman ao retratar a história – considerada de terror à Poe, dentro de uma denúncia de crítica social, para demonstrar o quanto o lar indesejado pode ser doentio para uma mulher, que não encontra apoio, e que tem que se deixar ser usada como um objeto doméstico e sexual por um homem, que vive em um “mundo social [que] constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes.” (BOURDIEU, 2017, p. 18), um corpo feminino moldado para o uso daquele que já se condicionou ser o sujeito dessa relação unívoca na sociedade patriarcal.

Diante desses dois componentes do livro – a apresentação de Tiburi e o posfácio de Hedges – tem-se, então, o conto: *O papel de parede amarelo*. Embora o leitor acostumado a esse gênero acredita que se trata de uma narrativa curta, nessa edição, optou-se por apresentar o texto dividido em 12 partes, como se fossem pequenos capítulos de um texto extenso.

Visto dessa forma, no 1º capítulo, há a apresentação da mansão colonial, do marido, do quarto com papel de parede amarelo e o desejo manifestado da narradora em trabalhar, recusado em seguida pelo marido. No 2º capítulo, tem-se a marcação de tempo: duas semanas passadas, dos três meses em que eles alugaram a casa; aparece o bebê do casal que é cuidado por uma mulher chamada Mary, já que a narradora (mãe) não pode cuidar da criança, devido a sua condição



física e mental; descreve a cama e o quarto que antes fora sala de brinquedos; John acusa a doença da mulher como resultado de sua imaginação, e, tem-se a visita da irmã de John – típica figura feminina moldada pelo patriarcado: “Ela é dona de casa primorosa e entusiasmada e não aspira a uma ocupação melhor. Não tenho dúvidas de que ela pensa que foi a escrita que me deixou doente!” (GILMAN, 2016, p. 26).

No 3º capítulo, há um mal-estar provocado pela possível procura de tratamento pelo médico Weir Mitchell; Jennie (uma das empregadas) aparece e a narradora faz questão de dizer que Jennie é muito boa para ela. Ademais, a narradora se propõe ao trabalho de entender o papel de parede amarelo por meio das técnicas do desenho. No 4º capítulo a narradora-personagem coloca o quanto a escrita significa para ela um alívio; expressa seu desejo de visitar o primo Henry e Júlia, porém, o marido diz que ela não se encontra em condições de sair; o marido tenta convencê-la a ficar bem por amor a ele; ela volta a falar no bebê, lamentando por estar naquele quarto e ao mesmo tempo, manifesta certo conforto, porque se ela não estivesse ali, poderia ser o quarto do filho; e tem a impressão de que viu na parede amarela uma mulher inclinada se arrastando.

O 5º capítulo é apresentado por ela como uma tentativa de conversar abertamente com o marido, que a ignora, pede para ela não o incomodar porque ele quer dormir e ainda diz a ela, que pode ficar doente o quanto quiser. No 6º capítulo, a narradora faz uma descrição de novo de suas impressões sobre o papel de parede amarelo (no primeiro plano, que poderia ser a realidade, enquanto no segundo plano ela supõe ver uma mulher de frente inclinada se rastejando); também expressa que já está começando a sentir medo de John; e pontua uma coisa interessante: agora, ela vê John e Jennie também contemplando o papel de parede amarelo.

No 7º capítulo, a narradora faz uma descrição de novo de suas impressões sobre o papel de parede amarelo. Essa também é a passagem do conto na qual ela se demonstra feliz. Falta uma semana para deixar a casa. E agora que ela viu que os dois também poderiam ter visto alguma coisa no papel de parede, que não era só ela, que não era parte de seus delírios mentais, decidiu decifrar o mistério do papel de parede amarelo, como se levasse o leitor a acompanhar sua explicação, para o desfecho de uma lucidez. No 8º capítulo, ela decide caracterizar o odor, que se transforma em cheiro do quarto, não importando se ela estivesse em outros lugares da casa, jardim, na direção que iria à rua, tudo lembraria o cheiro do quarto, do amarelo; passa a observar que há um risco em todo o quarto, em todos os móveis, exceto na cama, e estranha aquilo.

No 9º capítulo, ela descobre uma coisa: há realmente uma mulher inclinada, ou várias mulheres inclinadas na parede, coberta(s) pelo papel amarelo. Passa a vigiá-la(s) de dia e de noite. Percebe que ela aparece nas sombras, tentando sair. No 10º capítulo, ela já descreve a ação dessa mulher que sai durante



o dia se rastejando para que ninguém a veja. Mas, se ler esta passagem com atenção, poder-se-ia dizer que essa mulher se rastejando durante o dia e a noite, precisando voltar para se esconder no papel de parede, seria ela mesma, como se exemplifica pelo trecho do conto:

Sempre tranco a porta durante o dia. Não posso rastejar durante a noite, pois sei que John imediatamente suspeitaria de alguma coisa. [...] Além do mais, não quero que ninguém além de mim ajude essa mulher a se libertar. (GILMAN, 2016, p. 58).

Já no 11º capítulo, tem-se uma reflexão interessante acerca das palavras *padrão* e *subpadrão*. Partindo-se do pressuposto de que quem escreveu foi uma escritora feminista, essa indagação possibilitaria a leitura de que *padrão* seria a sociedade patriarcal (o que a mulher deve seguir e deve ver), e o *subpadrão* (aquilo que ela vê e é ignorado pelo marido – representante dessa sociedade); ainda faltam dois dias na casa; John finge ser gentil e amável e que está preocupado com ela; ele pede a Jennie que faça um relatório sobre as ações da mulher; Jennie diz que está tudo bem; e a narradora encerra essa parte da narração, afirmando ter a certeza de que o papel de parede amarelo também afetou John e Jennie.

O último capítulo é um misto entre o terror e a sororidade. É o derradeiro dia em que eles ficariam na casa. E ela decide libertar a mulher da parede do papel amarelo. John, mais uma vez, ausenta-se pela noite, vai à cidade atender seus pacientes. Nesse período, a mulher decide tirar a outra inclinada que se rasteja no papel de parede. Consegue tirar metade do papel de parede. Pela manhã, Jennie entra no quarto do papel de parede amarelo. Não reprime a mulher. “Ela riu e disse que não se importaria de ter feito isso ela mesma, e que eu não deveria me cansar. Como ela se traiu dessa vez!” (GILMAN, 2016, p. 64). E com essa fala, a mulher tem a certeza de que ela estaria certa, de que Jennie e o John também viram a mulher inclinada no papel de parede. A ação de Jennie demonstra parceria à mulher, assim como a mulher – narradora deseja ser exemplo para libertar outras mulheres, que como ela, estão sendo oprimidas e doentes pela sociedade patriarcal: “Fico imaginando: se todas saírem do papel de parede como eu sai?” (GILMAN, 2016, p. 67). John retorna a casa, a mulher se tranca no quarto; a mulher dá as coordenadas de como ele pode salvá-la: “‘Abra a porta, querida!’ / ‘Não posso’, respondi. ‘A chave está lá fora, perto dos degraus da entrada, debaixo de uma folha de bananeira.’” (GILMAN, 2016, p. 68). Ele vai buscar a chave, encontra, mas não consegue salvar a vida da mulher, ele desmaia e ela se empareda no papel de parede amarelo.

Esse desfecho suicida caracterizaria o conto na esfera do terror, típico das narrativas da primeira metade do século XIX, como muitas vezes, fez Edgar Allan Poe. Entretanto, Charlotte deu a sua heroína a escolha de decidir sobre a sua



vida, e ao tirar a própria vida, denota que a mulher estava cansada da condição infantilizada que o marido e a sociedade em que eles viviam, aceitavam essa situação para a mulher. A própria Charlotte, cansada dessa sociedade de convenções, valores hipócritas e desiguais entre homens e mulheres, em 1935, decide tirar a própria vida – cansada de lutar contra essas investidas do patriarcalismo e do câncer de mama, decide tomar clorofórmio, sua última escolha em vida.

Logo, diante dessas breves considerações acerca do livro *O papel de parede amarelo*, procurou-se demonstrar de forma sintética sobre a apresentação, o posfácio, a narrativa do conto e um pouco sobre a obra dessa autora. Isso para que os leitores, não somente as mulheres, mas todos os que acreditam que a obra de Charlotte Perkins é uma Literatura que instiga a pensar sobre a categorização de classes sociais que impõe a mulher na condição de objeto e ser inferior frente ao homem, e desmistificar esse padrão legitimado e injusto, principalmente para as mulheres.

Portanto, ler Charlotte Perkins é também uma maneira de libertar todos aqueles do papel de parede social que sufoca e prende, que obriga a viver conforme o padrão, mesmo aquele que não se encaixa. É uma forma de refletir sobre o mundo subpadrão, que muitas vezes, pode ser considerado o melhor para quem escolheu viver de forma diferente, pois, Charlotte ensinou e procurou conscientizar as mulheres a viverem em um mundo de direitos iguais e aceitarem as diferenças dos outros.



Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GILMAN, Charlotte Perkins. **O papel de parede amarelo**. Trad. Diego Henriques. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

HEDGES, Elaine R. Posfácio. In: GILMAN, Charlotte Perkins. **O papel de parede amarelo**. Trad. Diego Henriques. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

TIBURI, Márcia. A política sexual da casa: sobre *O papel de parede amarelo*, de Charlotte Perkins Gilman (Apresentação). In: GILMAN, Charlotte Perkins. **O papel de parede amarelo**. Trad. Diego Henriques. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

WHARTON, Edith. **The house of Mirth**. New York/USA: W. W. Norton & Company, 1990.

Recebido em: 21/10/2020
Aprovado em: 27/11/2020